

Este texto é uma tentativa de escrita dramaturgical numa perspectiva expandida. Busca um corpo desviado da norma e flerta com uma espécie de ensaio ou uma peça curta. Trata-se de uma situação na qual a solidão é o móvel que o perfaz, dado que há um outro alguém para contar.

Para tanto, abocanho (ou aproprio-me) de referências compondo uma paisagem textual, uma espécie de picadinho. Iguaria tida como um clássico carioca, foi aclimatado na metrópole paulistana, em Belo Horizonte e outras cidades mais. Em São Paulo, é elaborado com arroz, feijão, picadinho de filé mignon, farofa, couve e ovo frito.

Cada ingrediente é um universo particular, assim como cada passagem da forma breve aqui escrita. Composta por pedaços de textos que formam uma mistura, mais que uma fusão é uma confusão de enunciados. Enfim, uma dramaturgia-picadinho nos quais os ingredientes não se fundem, antes dialogam e friccionam numa performance escrita envolvendo o sabor da palavra.

¹ Professor titular e Doutor em Artes Cênicas pela ECA/USP. Realizou estágio de pós-doutorado na Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3 em 2011. Trabalha principalmente com os seguintes temas: dramaturgia e atuação com objetos. Coordenador de O Círculo – Grupo de Estudos Híbridos das Artes da Cena. E-mail: felisberto@usp.br.

E aqui estamos hoje, na vida real.

Rubrica

Tarde da noite de um futuro. Um homem permanece um momento sem se mover. Olha o relógio do seu celular. Começo sentado nessa mesa, frente a um copo d'água e um microfone, como Spalding Gray, e um laptop na tentativa de elaborar uma peça-ensaio. Tal como Eugene O'Neill, ao escrever suas rubricas, realizo uma espécie de irrupção do romance no drama contemporâneo. Abrigado nesse espaço, afogado em números, ele tenta digitar algo no laptop, mas seus dedos escapam. Ele se levanta, vai à frente da cena. Olha para vocês, buscando uma palavra que talvez possa falar. Talvez um encontro pelos olhos. Para os gregos, o olhar lança a luz que ilumina o que se é visto. Ele retorna e senta-se à mesa. Gosto de ficar sozinho e lendo. Ou escrevendo. Como Carolina de Jesus. Tal qual Horácio, em sua Arte Poética, eu tinha pensado começar escrevendo uma carta endereçada a alguém. Para Horácio, aos Pisões, para mim, a vocês, notas de um confinamento. Um gênero epistolar implica o diálogo, pressupõe um endereçamento, um alguém ao qual vou ao encontro, um outro a olhar. Desisti. Pensei então numa espécie de palestra-espetáculo. Também desisti. Nesse momento, em que opero essa rubrica, talvez um artigo-poético, exerço uma forma bem-vinda nesses tempos confusos, conectar-me ao outro. Iniciaria com uma definição. Desisti. Pois de-finir, finir, finire, finish pressupõem um fim, e isso aqui é apenas um começo. Começar é difícil, já dissera Beckett. Estou apenas no começo nesse 17 de março. Uma peça-ensaio para ser lida, talvez falada. Enfim, talvez um artigo para ser postado como um testemunho do nosso agora. Nessa aproximação e distância que o termo diálogo encerra. Como Ariano Suassuna, falo por arroteio. Arrodeando. Como um mentiroso lírico, ele tateia ideias, por haver esgotado todo o falar. Duas qualidades de gente que gosto muito: mentiroso e doido. Ele nunca saiu do Brasil, mas conhecia o mundo. Eu sou um contador de mentiras, daquelas que não prejudicam o outro. Ele vai até à janela, observa a cidade quase vazia. A solidão entra como uma pintura de Edward Hopper. Uma luz invade a janela. O olhar lança a luz que ilumina o que é visto. Volta a sentar-se. Digita a palavra amor, apaga. Palavra esvaziada que cumpriu o seu papel. Procura na internet notícias recentes. Desiste. Ele, como o velho Krapp, busca dialogar com o passado, em sua última gravação. Projeta uma foto da peça

de Samuel Beckett na tela. Sozinho, naquele espaço, no qual a cidade entra por todos os lados. Pelo celular, pelo notebook, pelas vozes, pelos gritos vindos das paredes enjaneladas da cidade, pelo soar das panelas às oito e meia da noite como recusa a uma fala nesse tempo de guerra. Novamente ele se lembra do velho Krapp, mas hoje a nossa guerra é outra. Ele, um sobrevivente da Aids, da Sars, do Ebola, do H1N1, das epidemias que assolam o mundo. Agora se depara com outro vírus, não apenas de uma enfermidade do momento, mas também aquela inoculada na palavra amor, esvaziada, cheia das inúteis significações. Barulho de Panelas. Ele corre até a janela. Retorna, senta-se, às oito e meia da noite, naquele país que se alimenta de suas misérias diárias. Pensa em fazer um café, terminar de ler aquele livro, falar com alguém pelo whatsapp. Mais tarde terá um encontro, talvez no *zoom* instaurar um convívio. Corre até a janela, retorna. Lembra-se que terá que sair amanhã, pensa na máscara. É preciso a máscara, não somente a que protege do vírus. Hoje, sair inspira cuidados. Nessa cidade sempre inspirou. Vai até a janela. Retorna. Sente-se como personagem de um dramático beckettiano, num espaço comprimido, um homem anda de um lugar para o outro, mas com sequelas existenciais, agora outras. 30 dias. Tenta se guiar pelo calendário e percebe a inutilidade, hoje é feriado, mas isso não diz muita coisa, a inutilidade do hoje ser feriado, em outro tempo, seria um dia que estaria em casa. Se dá conta de que seria um bom momento para se entregar à duração, entregar-se ao eu profundo, esquecer a superfície, a pele das coisas. É justamente a continuidade indivisível de mudança que constitui a duração para Bergson. É o que sempre se chamou tempo, mas o tempo percebido como indivisível. Não discordo de que o tempo implica sucessão, com o que não posso concordar é com a ideia de que a sucessão se apresenta à nossa consciência primeiro como distinção entre um “antes” e um “depois” justaposto. A cidade o invade constantemente, como música. Na tela observa as imagens de uma carreta em pleno distanciamento social. Desliga a tela. E pensa: isso não apaga a barbárie. Eles continuam lá vociferando um amor incondicional. Observa, uma vez mais, pela janela, uma pequena multidão alucinada que dança segurando um caixão mortuário. Lembra-se de A dança da morte, de Strindberg, e percebe o distanciamento entre uma e outra situação, agora tão próximas. Confinado em seus pensamentos ele não consegue desligar-se da pólis, dessa metrópole latino-americana mergulhada numa quarentena, envolta num *pathos* como uma tragédia grega grotescamente atualizada. De um lado, um país oficial, de privilegiados, caricato e burlesco, e do outro, o Brasil real. A peste

contaminando aqueles arruaceiros pretensamente democratas a dançar com o caixão de defunto. Mais que uma metáfora, é folia. Pensa então em escrever um artigo sobre a ação do tempo numa situação de confinamento, a aceleração de um processo selvagem. Desiste. Está bem se ele continua acordando às três da manhã, está bem se esquecer de almoçar ou não conseguir fazer uma teleaula de Yoga, está bem se faz três semanas que ele nem toca naquele artigo-que-só-falta-revisar-e-submeter. Ignoro tanto as pessoas que dizem estar escrevendo *papers* quanto as que reclamam de não conseguir escrever. Ao abraçar o novo normal, penso naquela professora do Canadá: mais do que nunca precisamos abandonar o performativo e abraçar o autêntico. Essa sensação de estar linkado às pessoas, longe e perto simultaneamente. Essa sensação mórbida, como em Espectros ibsenianos, munidos da doença do nosso agora. Comorbidade tornou-se uma palavra recorrente. Escreve. A sensação me faz pensar numa outra forma de isolamento, a do mundo externo que me invade, como a luz nos quadros de Hopper, a aventura ao sair à rua quase deserta, numa cidade confinada, e as pessoas mandando posts sobre a qualidade do ar ter melhorado, do sol brilhando mais nessa cidade, o compartilhar de fotos com encantadores ângulos, notícias sobre o aumento de vinte por cento na violência doméstica, sobre relacionamentos abusivos, que a criminalidade diminuiu e ao mesmo tempo, no mercadinho, chegar uma mulher nervosa dizendo: você pode ser assaltado, a rua deserta em pleno dia favorece os assaltos. Um morador de rua brada: eu vou dormir na porta do prédio que eu quiser e polícia nenhuma vai me tirar! Novamente ele pensa na palavra amor como palavra esvaziada e abandona-se aos dizeres de Pascal sobre o tempo: você está acostumado a oscilar entre os tempos que não são seus, a inexistência do presente. Você não consegue viver o presente, ao fugir do presente com o corpo, você vagueia com a alma. A palavra amor está quase esvaziada. O quase lhe dá ânimo, não mais pensada de forma absoluta. Retorna a Pascal: ele dizia que essa ação tinha a ver com escapismo. Deixar seu corpo agir e ir para lugares mais seguros. Há quem diga que na verdade o que experimentamos hoje é a dispersão. Não se trata de aceleração, mas de um aroma disperso. Novamente ele diz para si: amor palavra dispersa, e lembra que na língua portuguesa, amor, lida ao contrário, nos envia à Itália e sua pilha de cadáveres. Já disseram que o português é a língua mais sonora e musical do mundo, e observa na avenida a multidão efusiva, esbravejando nesse castelhano sem ossos. Ele gostaria de acreditar nas previsões dos cientistas políticos, que o capitalismo estaria em xeque depois dessa virada, ele gostaria

que fosse verdade. Barulho de Panelas. Ele pega o telefone, tecla, fala com alguém. Volta a dar passos pela sala como aquele velho personagem e lembra que o vírus ataca os pulmões, respira forte em três tempos. Vem-lhe à mente, *Respiração*, peça da fase final de Beckett. Digita a palavra *Breath* que é mostrada na tela. Nessa derradeira escrita beckettiana não existe mais o corpo físico, apenas destroços. Como uma Troia arrasada. Nessa dramaturgia, porém, ainda há humanidade, há respiração, há algo que pulsa em meio aos detritos. No desfazimento do corpo, respira-se humanidade. Há o olhar que projeta a luz, numa medida pitagórica. Ele volta ao início desse texto e pensa citar Eugene O'Neill, trazer a sua *Electra Enlutada*, pois estamos falando de tragédias contemporâneas e pensa na rubrica: “essas três figuras são mais tipos populares da cidade do que mesmo personalidades. Elas formam um coro, que representa a cidade e que vem ver, ouvir, espionar o que se passa na casa reservada e rica”. Isso o leva às estatísticas, ao Brasil real. Nessa guerra que ora enfrentamos não serão os ricos, mas principalmente “os tipos mais populares” que sofrerão o impacto, vivendo em seus territórios confinados, como projetos de gente humana. Não serão aqueles isolados em condomínios fechados, mas os encarcerados nas vielas da cidade. De possíveis Carolinas de Jesus que ali habitam e escrevem: a tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Novamente a cidade, sempre a cidade. A tragédia grega invoca a cidade, o espaço público, o acontecimento. Boal nos fala de um sistema trágico coercitivo de Aristóteles, e eu me pergunto: que sistemas dramaturgicos expandidos nos coagem nessa pólis brasileira do século XXI? As autodenominadas “pessoas de bem” batem no peito e dizem defender a democracia, esbravejam ferozes dentro dos carros: fora a velha política! Morte à corrupção! Pessoas de bens, em carros blindados, vociferam palavras do passado, tentam aí resgatar antigas palavras de ordem, recuperar um amor hediondo. O admirável gado novo segue feliz, como aquela música do Zé Ramalho. Vou baixar algumas imagens, para armazenar o agora. Essa será uma peça constantemente atualizada com novos acréscimos para download. E Pascal novamente visita o pensamento: nunca nos determos no momento presente, antecipamos o futuro, como para lhe apressar o curso ou evocamos o passado que nos foge como para o deter, andamos errando nos tempos que não são nossos, o presente em geral fere-nos. E se lembra de *As três irmãs*, entre o passado e o futuro, vivem um inerte presente. Busca algo na tela e se depara com as *Três irmãs*, não a peça, mas um restaurante mineiro com mais

de 3000 visualizações. Cardápio diário com picadinho, costela ao molho, bife acebolado e filé de frango, em espaço casual e marmitas. O endereço, Rua Ribeirão das Almas, 256, é quase um presságio. Comida para viagem, entrega sem contato. Ele está em litígio comigo mesmo, não com o outro, não com o tempo, mas esse tempo. Pensa na realidade das telas, e puxa pela memória uma citação de George Steiner: talvez se esboce uma nova consciência que seria a que viria depois da palavra. É possível que este domínio pela palavra, pelo texto, que é o de nosso Ocidente, breve muito suavemente tenha seu fim. O que está em jogo, aqui, é a noção de texto. A citação é o passado, é autoridade, a autoridade que pesa sobre as responsabilidades anárquicas do homem. Estou tateando, como se vê, mas nunca se deve fechar a porta do futuro. Ele percebe que a citação adquire outra dimensão e não apenas a proposta por Steiner. Mas algo desse dito assoma em tela e o mito de Antígona renasce nessa tragédia contemporânea. Ao ver as imagens das valas coletivas em Manaus, as preparadas nos cemitérios das periferias, lembra dos mortos, das silenciadas Carolinas de Jesus, da impossibilidade de enterrá-las dignamente. O tempo estendido no cumprimento do luto, os caixões cerrados, a impossibilidade de tocá-los expõe a cidade. Querem ocultar as estatísticas, subnotificar as mortes, desmaterializar os corpos. Numa cidade onde não há mais mortos e túmulos, o que será do mito de Antígona? Nesse tempo virótico, ele percebe que temas aventados por Lapouge e Steiner sobre o mito são agora revisitados: o público e o privado, a sororidade, o enterro, o jovem e os velhos, a luta de gerações, a luta do homem e da mulher, o coração e a razão. Tudo isso assume em nossos dias uma amplitude totalmente nova. Antígona também foi confinada. Ao encontro da morte ela profere: “Estou entrando num buraco negro, no zero, no horror da aniquilação e, no entanto, eu vou”. Hoje, isolados como Antígonas contemporâneas perseguimos a vida, e vamos. Não há como esquecer Antígona ao ouvir os dizeres do nosso Creonte hodierno, perfazendo uma dramaturgia com ações de toda ordem, opondo economia e vida. Os serviços de delivery funcionam a todo vapor, a cidade está vazia, mas não parada. Na ação do vírus, o achatamento da curva me parece uma imagem dramática, haverá um ponto de inflexão cujo desenlace se opera num sentido inverso. O preconizado achatamento da curva quer nos afastar de um modelo dramático. Não mais uma curva configurada numa progressão ascendente rumo ao clímax, mas outro modo, tendendo-se a uma linha horizontal, cuja tensão se estende ao longo do percurso. Como em Fuente Ovejuna, não temos um herói solitário, mas um coletivo que dispensa as

ações de um “cidadão de bem” e traz à cena toda a cidade: Fuente Ovejuna, senhor! Dizem que a realidade já mudou, e não mais voltaremos a ser como antes. O mesmo poderíamos pensar sobre a dramaturgia: haverá a eclosão de um comunismo dramaturgico, colocando abaixo os antigos modelos, e corralidades vibrantes invocarão novos olhares nos quais, talvez até o termo dramaturgia não seja mais necessário? No trágico contemporâneo, uma peste detonou uma crise na cidade. Na pólis tebana, o vírus que assolava a cidade fez com que o governante, que teimava em não ver, acabasse cego. Tebas não foi mais a mesma depois daquela enfermidade. Édipo, como governante, já estava cego desde o princípio, se negava a ver o real. A realidade já mudou, não seremos mais os mesmos, não seremos Édipos teimando em não ver. Ele levanta. Vai até a janela e observa a cidade. Sai.

Vozes

Voz 1 – Como você está? Estou preocupado, não responde às minhas mensagens. (*Barulhos de panelas ao longe*). Espero que não esteja entediado, com suas dores pequeno-burguesas, (*risos*) sofrendo por ser um privilegiado, com dinheiro, comida e poder trabalhar em modo remoto. Continue estabelecendo suas rotinas básicas, continue escrevendo.

Voz 2 – Recebi seu arquivo. Acabei agora de ler o seu texto! Fala do nosso tempo, né? “Tarde da noite no futuro. Um homem permanece um momento sem se mover. Olha seu relógio”. Retribuo com um outro para você. Essa nossa conversa, só por meio de textos, está fazendo bem à minha solitude. Esse que te envio agora não é meu. Leia. É uma entrevista do Zizek dada pelo telefone. Tal como ele, acredito que construir um novo modo de viver será o nosso teste. Beijos.

Voz 3 – Oi! Veja só o que Machado de Assis escreveu em 29/12/1861 sobre o Brasil: “O país real esse é bom, revela os melhores instintos, mas o país oficial é caricato e burlesco”.

Voz 4 – Arrasou! kkkkk

Voz 5 – É uma entrevista do Zizek dada pelo telefone. Vou te mandar como se fosse um picadinho. Há aqueles que pensam em um mundo em que se aproveitará do vírus para controlar todos nós. É uma possibilidade... Alguém disse que, no meio dessa crise, deveríamos nos preocupar apenas com a nossa salvação. Penso o contrário: não há momento mais político do que o atual. Apesar das advertências dos cientistas, os governos

se descobriram despreparados. Para sobreviver, os Estados terão que lidar continuamente com o futuro. Estamos descobrindo na nossa própria pele por que certas medidas devem ser tomadas no interesse geral. Construir um novo modo de viver será o nosso teste. Vivemos um imperativo paradoxal, demonstramos solidariedade por não nos aproximarmos. A atual expansão dessa doença detonou as epidemias de vírus ideológicos latentes em nossas sociedades: notícias falsas, teorias da conspiração paranoicas e explosões de racismos, destampou a realidade insustentável de outro vírus que infecta a sociedade: o capitalismo. Enquanto muitas pessoas morrem, a grande preocupação para estadistas e empresários é o golpe para a economia. A bem fundamentada necessidade médica de estabelecer quarentenas fez eco nas pressões ideológicas em estabelecer limites claros e colocar em quarentena os inimigos que representam uma ameaça à nossa identidade. Mas talvez outro – e mais benéfico – vírus ideológico se espalhará e talvez nos infecte: o vírus de pensar em uma sociedade alternativa para além do Estado-nação, uma sociedade que se atualize como solidariedade global e cooperação. Embora talvez também seja uma espécie de hipérbole trágica – ainda que possivelmente redentora –, é que na era em que o ser humano está mais isolado, agora precisará se isolar ainda mais. Para impedir a propagação do vírus, as fronteiras foram fechadas. E na Europa não funcionou jogar a culpa nos chineses ou refugiados: quem transportou o vírus foram turistas e empresários. Para enfrentar a solidão, talvez o melhor seja continuar estabelecendo rotinas básicas, uma repetitividade que nos impede de ceder ao caos. Temos que manter uma ordem para estar prontos amanhã. Mas, talvez, outro vírus muito mais benéfico também se espalhe e, se tivermos sorte, irá nos infectar: o vírus do pensar em uma sociedade alternativa, uma sociedade para além dos Estados-nação, uma sociedade que se atualiza nas formas de solidariedade e cooperação global. Mas, repito, estaremos mais conscientes do que significa estar perto dos outros, para o melhor ou para o pior. Reencontrar-se, por exemplo, será uma alegria. Mas teremos mais cuidado. Depois, esta situação tornou bem visíveis as diferenças sociais. Madonna postou um vídeo na banheira dizendo que estamos todos no mesmo barco. Não é assim, e as pessoas veem a situação. Os novos heróis são as pessoas comuns. Estamos redescobrimo o quanto precisamos uns dos outros.

Voz 6 – Olha que presente mando para você! Os novos heróis são as pessoas comuns! Não mais Édipos interpelados a nos livrar da peste!

Voz 7 – (*som de interfone*) Senhor! Senhor! O rapaz do delivery está aqui na portaria, é sua encomenda do restaurante Três Irmãs.

(*Toca a música Cosmic Blues, na voz de Janis Joplin*)

Time Keeps movin' on
Friends they turn away
I keep movin' on
But I never found out why
I keep pushing so hard the dream
I keep tryin' to make it right
Through another lonely day, whoa.

Durante a música sobe a seguinte projeção:

Referências das citações

AHMAD, Aisha. Quarentena: porque você deveria ignorar toda a pressão para ser produtivo agora. Disponível em: <https://www.apufsc.org.br/2020/04/22/quarentena-porque-voce-deveria-ignorar-toda-a-pressao-para-ser-produtivo-agora/>. Acesso em: 13 abr. 2020.

BECKETT, Samuel. **Krapp's last tape**. London: Grove Press, 1991.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

IBSEN, Henrik. **Peças escolhidas**. (Espectros). Lisboa: Cotovia, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2000.

STEINER, George; LAPOUGE, Gilles. "O Mito de Antígona". **Folha de São Paulo** (Folhetim n. 358), p. 6-7, 09 jun. 1987.

O'NEILL, Eugene. **Electra enlutada**. Rio de Janeiro: Edições Block, 1970.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Ed. Ridendo Castigat Mores (Edição eletrônica). Disponível em: <https://www.ngarcia.org>. Acesso em: 17 abr. 2020.

SÓFOCLES. **Antígona**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

STRINDBERG, August. **A dança da morte**. São Paulo: Abril Cultural, 1997.

SUASSUNA, Ariano. Aula-espetáculo (Teatro Armando da Ré, Suzano-SP, 2008).
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mhzzF-6KAUg>. Acesso em: 22 abr. 2020.

ZIZEK, Slavoj. Entrevista. Disponível em:
<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597903>. Acesso em: 13 abr. 2020.

Black Out. Luzes se acendem e telão projeta os seguintes dizeres:

A cidade lá fora vos espera. Cuidem-se!

Submetido em: 23 mar. 2021

Aprovado em: 08 jun. 2021